

**TANIA JACIRA DE PAULA BURLANDY**

97

**A SEXUALIDADE  
EM ESCOLARES DE 6<sup>a</sup> A 8<sup>a</sup> SÉRIE  
DO 1º GRAU**

maria Amélia Gomes de Souza Reis  
(prof. orientador)

8.0 (oito)

Considerações gerais já colocadas anteriormente.  
~~///~~

9 (nove).

Trabalho bem estruturado  
porem com restrições  
metodológicas. Resultados  
que consideramos su uma  
monografia de graduação  
ficem

~~9.0~~

9 (use)  
hand

**TANIA JACIRA DE PAULA BURLANDY**

**A SEXUALIDADE  
EM ESCOLARES DE 6<sup>a</sup> A 8<sup>a</sup> SÉRIE  
DO 1º GRAU**

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**  
**DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**  
**DISCIPLINA: MONOGRAFIA II**

Reitor  
**HANS JÜRGEN FERNANDO DOHMANN**

Vice-Reitora  
**REGINA MARIA LUGARINHO DA FONSECA**

Decana  
**MARIA TEREZA WILTGEN TAVARES DA COSTA FONTOURA**

Diretora  
**JANETE DE OLIVEIRA ELIAS**

Chefe do Departamento  
**LÍGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO**

Professora Responsável  
**GILDA MARIA GRUMBACH MENDONÇA**

Professor Orientador  
**MARIA AMÉLIA DE SOUZA REIS**

**TANIA JACIRA DE PAULA BURLANDY**

97/II

**A SEXUALIDADE  
EM ESCOLARES DE 6<sup>a</sup> A 8<sup>a</sup> SÉRIE  
DO 1<sup>o</sup> GRAU**

Monografia apresentada à Escola de  
Educação da Universidade do Rio de  
Janeiro como requisito parcial à  
obtenção do grau de licencianda em  
Pedagogia.

RIO DE JANEIRO  
UNI-RIO  
1997

BURLANDY, Tania Jacira de Paula. A sexualidade em escolares da 6ª a 8ª série do 1º grau. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1997. 52 p.

Agradeço a Deus por ter me concedido  
força e luz; aos meus familiares pelo  
estímulo; à professora Maria Amélia pela  
orientação; e, em especial, ao meu marido,  
por todos esses anos de amor e  
compreensão.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
Introdução	10
Educação Sexual	17
Papel de Sexualidade na Adolescência	19
Aspectos Fundamentais da Educação Sexual	21
Possibilidades de Atividades de Educação Sexual	24
METODOLOGIA	29
RESULTADOS	31
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXO	50

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa enfatizar a necessidade de uma abordagem pedagógica sobre sexualidade no ensino de 1º grau.

Cabe, de início, esclarecer que a puberdade é a fase da vida em que ocorrem, normalmente, as transformações no corpo do homem: o crescimento, o desenvolvimento e a maturação. A sexualidade nesta fase é aflorada. Há um questionamento sobre o que é certo ou errado no desenvolvimento sexual normal: o que é proibido? O que deve ser evitado?... Enfim, os porquês são muitos e normalmente não há quem responda a eles. Os pais não são preparados para elucidar as dúvidas; algumas vezes eles também as têm e, não raro, se furtam a prestar a necessária orientação. Os professores “não devem” se aprofundar, devem dar noções de anatomia dentro dos estudos das ciências físico-biológicas. Os amigos têm as mesmas dúvidas ou, às vezes, conhecimentos próprios, experiências distorcidas e, em certas situações, não conseguem respostas.

A quem caberiam essas respostas, orientações e informações? À família? À escola?

Acreditamos que a instituição escola tenha condições de trabalhar com essas orientações junto aos alunos e pais, tentando informar aos dois grupos, visando a um melhor relacionamento familiar.

Compete ao educador, ao nível de trabalho de orientação (e não apenas de domínio), contribuir para um desenvolvimento normal do indivíduo, preparando-o para o convívio em sociedade / comunidade, sem medos, tabus, preconceitos,

vergonhas, conhecendo a realidade, as diversas patologias, a gravidez indesejada e outras situações-problema.

Feito esse diagnóstico, cumpre frisar que este estudo se propõe a identificar os fundamentos da educação sexual no âmbito da escola de 1º grau, tomando como ponto de partida uma compreensão filosófica da sexualidade e a visão do crescimento / desenvolvimento do homem, suas necessidades fisiológicas, psicológicas e maturação.

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## Introdução

Usualmente a adolescência é considerada o período de vida durante o qual começa a ser alcançada a maturidade reprodutiva, psicológica e emocional do ser humano. Devido às transições que ocorrem em certas partes físicas, psíquicas e emocionais dos adolescentes e das interações que ocorrem entre eles, este período é também marcado pelas dificuldades advindas para o indivíduo de adaptações onde, freqüentemente, o próprio adolescente se pega, ora se comportando como criança, ora como adulto.

Conforme as interações harmônicas ocorridas entre estas partes componentes, não só o corpo do adolescente vai se estruturando, mas também vai terminando a construção das características básicas da personalidade do indivíduo, que permite a ele se desenvolver como um adulto mais ou menos equilibrado, ou seja, com capacidade maior ou menor de adaptação social. Isto porque seus atos acarretam reflexos sociais, que vão favorecendo maior ou menor adaptação individual ( Parisi, 1976).

O período da adolescência é marcado por muitos conflitos e pela busca da identidade. É tempo de descoberta de um corpo que vai se desenvolvendo e precisa ser entendido. Mas não é só o corpo que modifica. O adolescente vive numa transição entre o infantil e o adulto, emocional e psicológico e também vivencia novas experiências e reformula a idéia que ele tem de si mesmo e transforma sua auto-imagem (Takiuti, sd).

Assim, *a adolescência se caracteriza por fortes transformações* somáticas, fisiológicas e psíquicas, o que explica as crises também características desta fase enquanto tentativas de adaptações a novas situações. Essas crises, na maioria das vezes comportamentais, podem ser mais ou menos intensas, dependendo de diversos fatores, mas principalmente do estado de preparação do indivíduo para fazer frente a essas alterações. O crescimento físico gera sua estranheza em relação ao próprio corpo, que passa a alterar-se nas proporções, sensações e automatismo. Por outro lado, o desenvolvimento mental cria conflitos interiores em consequência do surgimento do espírito crítico, porque todos os valores e fatos estabelecidos passam a ser questionados. O mágico dominante da infância vai cedendo ao lógico. Esta nossa percepção da realidade coloca geralmente o adolescente em choque com a sociedade, com a família, com a moral, com a religião, enfim, com as normas e valores estabelecidos.

A possibilidade de contato e de relações com círculos maiores da sociedade leva ao alargamento dos laços restritos da sociedade e da escola e cria áreas de atrito instáveis decorrentes do espírito crítico que pondera as diferenças entre a nova realidade vislumbrada e os valores até então aceitos e estabelecidos. Acresce ainda a ânsia do adolescente em atuar por conta própria, livrando-se de todas as formas de tutela que, no estágio anterior, guiaram seus passos.

A adolescência deve ser entendida como uma fase complexa de adaptações bio-psico-social que, se não resolvidas, levam à crise. O componente biológico vai se modificando com alterações cinestésicas, culminando com a maturidade da função reprodutiva. A adolescência é o período do desenvolvimento que se inicia fisicamente com a puberdade. O corpo cresce, novas funções somáticas surgem e, entre elas, as funções sexuais; a mente se desenvolve, o sentimento se enriquece, a qualidade das sensações afetivas e sexuais se transforma e tudo isto pode provocar no jovem uma série de crises que vão tendo de ser superados uma-a-

uma, com maior ou menor dificuldade, sem o que o desenvolvimento natural é dificultado (Nérici, 1961)

A adolescência termina quando termina o desenvolvimento em altura, o que é variável entre as pessoas, conforme o sexo e as características hereditárias e ambientais do indivíduo. As características sociais e emocionais, extremamente variáveis, não acompanham o desenvolvimento biológico inicial da adolescência. Sociologicamente, define-se o final da adolescência quando o grupo social atribui a condição e a função de adulto ao indivíduo. Psicologicamente, quando o indivíduo assume a responsabilidade e atitudes próprias da vida adulta (Felizari, 1989).

Os caracteres sexuais primários dos meninos e meninas se apresentam ao nascimento. Já os caracteres sexuais secundários surgem, nos dois sexos, em idades diferentes. As meninas entram na puberdade mais cedo, com o início do desenvolvimento dos seios, seguido pelo desenvolvimento dos pelos pubianos, início da ocorrência de menstruação e desenvolvimento de pelos axilares. No menino, o primeiro caráter secundário a se expressar é o surgimento de pelos pubianos e um aumento gradual dos órgãos genitais, seguido pelo desenvolvimento dos pelos axilares e, finalmente, dos pelos faciais. Reaparece a masturbação que, na infância, era utilizada para explorar seus genitais e descobrir sua identidade como homem ou mulher, mas agora auxiliando o ego do indivíduo a organizar o seu funcionamento genital (Suplicy, 1991).

Crianças, adultos e adolescentes movem-se dentro do mesmo universo sexual, convivem, partilham experiências e testemunhos e não parece haver razão alguma para não falar aos mais jovens sobre aquilo que já lhes é mostrado ao vivo (Vasconcelos, 1985).

Costa (1986) afirma ser impossível se conhecer o outro somente através da intuição e da imaginação. Isso só aumenta a desconfiança e o individualismo, impedindo as noções de complementaridade e a **importância do outro**.

Takiuti (s.d.) ressalta que a atividade sexual não orientada pode trazer sérios conflitos à adolescência. O exercício da sexualidade para a mulher é associado à reprodução e aos riscos de doenças, apesar dos apelos atualmente feitos pelos meios de comunicação de massa.

A questão da sexualidade é complexa e permeia todas as classes da sociedade brasileira. O seu desconhecimento provoca distorções no comportamento, levando o adolescente a percorrer caminhos penosos, quando poderia ter gratas revelações e uma vida mais sadia. **A adolescência é um período riquíssimo na vida de cada pessoa, mas, na realidade, evidencia um crescente número de adultos infelizes, despreparados, e que passam essa carga negativa para o adolescente (Suplicy, 1988).**

O que fazer perante esta situação?

Em que pese o reconhecimento dessa realidade por parte dos pais e educadores, nas escolas o debate é tímido, quando não medíocre, valorizando apenas os aspectos biológicos e reforçando os tabus e preconceitos que cercam a questão. É na adolescência que as brincadeiras e jogos da infância se transformam em descobertas e experiências fundamentais para o desenvolvimento emocional adequado para se formar adultos saudáveis. Quando essas experiências são positivas, o sentimento de rejeição é superado e cresce a **auto-estima**. O contato com essas emoções é que vai permitir ou facilitar a formação de vínculos sociais e afetivos fundamentais como pré-requisitos para uma vida sexual sadia (Moura, 1992).

Discussões sobre o sexo tornam-se assunto altamente perigoso, difícil de se abordar e emocionalmente compromissado e, quando os pré-adolescentes alcançam a adolescência, os pais se sentem absolutamente perdidos e sem base para discutir com seus filhos um assunto essencial para o crescimento psicológico e emocional deles. Por esta razão, é necessário se começar na pré-adolescência a discussão sobre estas questões (Weisman & Weisman, 1990).

Konrad Lorenz (1988), eminente biólogo, médico, Doutor em Filosofia e Doutor em Ciências, tendo recebido o Prêmio Nobel de Medicina de 1973 sobre seus inúmeros estudos sobre a agressão e o comportamento humano e animal, afirma: é necessário se resgatar os valores universalmente aceitos como humanos, sem moralismos ou sectarismos, e também utilizá-los na educação dos jovens, acostumando-os à **percepção de harmonia e a exercitar sua capacidade de amar**. O conjunto de valores que são universalmente aceitos como humanos, ou seja, nos diferenciam dos animais são, dentre outros: a gentileza, o altruísmo, a cooperação, enfim, as diferentes formas do verdadeiro **amor**.

Marta Suplicy (1988), que trabalha há mais de 15 anos com educação sexual, afirma:

“A tarefa de educar implica também acreditar em alguns valores éticos e combater preconceitos que atrapalham o desenvolvimento da sexualidade. A proposta de educação sexual é, através das informações e discussões, criar condições para a discussão de pontos de vista diversos, desenvolver a capacidade de criar e pensar do aluno, erradicar preconceitos, mostrar a sexualidade como algo natural e incentivar os jovens o respeito pelo corpo e sentimentos, seus e dos outros. É importante que o adolescente se acostume a refletir sobre o sexo, descobrir o que é biológico, o que é da cultura, da educação familiar e elaborar o que é seu.”

Por razões facilmente compreensíveis, a necessidade imperiosa de satisfação imediata traz conseqüências particularmente graves no campo do **comportamento sexual**. Com a perda da capacidade de perseguir um alvo a longo prazo, desaparecem todos os modos de comportamento finalmente diferenciados de cortejo e formação do casal, e isso vale para aqueles programados tanto instintiva como culturalmente. Ou seja, não só aqueles que se desenvolveram ao longo da evolução do homem a partir de animais irracionais, como também as normas especificamente humanas de comportamento, que servem à mesma função no âmbito da cultura. Designar como “animal” o comportamento de satisfação sexual imediata, glorificada e elevada a norma em tantos filmes atuais seria um erro, pois fatos semelhantes só acontecem excepcionalmente nos animais superiores! (Lorenz, 1991)



Esse “extinguir-se das emoções” parece ameaçar sobremaneira aquelas alegrias e sofrimentos que derivam forçosamente das nossas relações sociais, das nossas ligações com esposos e filhos, com os pais, parentes e amigos. A suposição, expressa por Oskar Heinroth, em 1910, “de que nossos comportamentos em relação à família e estranhos, no cortejar e na conquista de amigos, se tratam de processos puramente inatos e muito mais primitivos do que imaginamos”, foi comprovada através dos resultados modernos da etologia humana. A programação hereditária de todos esses complexos modos de comportamento acarreta não só alegria, mas também muito sofrimento. “Um erro generalizado entre os jovens é acreditar que o amor seja somente fonte de prazer”, diz Wilhelm Brush. Querer evitar o sofrimento quer dizer subtrair-se a uma parte essencial da vida humana (Lorenz, 1991)

Na atualidade, no Brasil e no mundo, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar, em todos os níveis, geralmente não se valoriza o conhecimento enquanto algo prático, que precisa ser trabalhado com sentimento e valorização do que é belo e moralmente correto. Entretanto, a criança, o pré-adolescente e o adolescente precisam de sentimento para se desenvolverem adequadamente como adultos emocionalmente equilibrados, criativos e que encarem os problemas como desafios.

Há a necessidade de que, quando se fale em amor, não se pense só em sexo, ou mais especificamente em ter relações sexuais. É necessário que cada um de nós, para ser um verdadeiro educador de nossos filhos ou alunos, valorize, aja e discuta aqueles sentimentos tipicamente humanos.

A maioria dos professores reproduzem relações de dominação social em sua prática pedagógica. Geralmente, ao invés deles auxiliarem seus alunos a serem livres, se libertarem das repressões e traumas, se encontrarem a si mesmos para poder se formar adultos com uma sexualidade equilibrada e criativa, fazem justamente o contrário. Isto porque, quando se respeita e valoriza o sentimento da criança e do adolescente, se aumenta sua auto-estima. Se simultaneamente se

coloca desafios ao jovem, se estimula sua criatividade, se contribui enormemente para um desenvolvimento equilibrado de sua sexualidade. Ou seja, há uma relação direta entre a pessoa ser criativa e ter sua sexualidade bem resolvida, e o caminho é a valorização e respeito dos sentimentos próprios e alheios, sem o que não dá para se falar em sexualidade.

Ora, nas sociedades ocidentais, a toda hora o indivíduo está sujeito à opressão, imerso em relações de dominação. É necessário que na prática pedagógica se aja com um sentimento de amor a si mesmo e ao próximo, para que a criatividade e a sexualidade possam seguir o curso harmonioso em cada um (Almeida, 1984).

Aliado a todos estes aspectos de crise social, ambiental e sexual dos adultos da sociedade onde ele vive, o adolescente se vê diante da disseminação rápida e generalizada da AIDS, aliado à grande quantidade de desinformação e informação fragmentada a respeito desta doença. Será que a disseminação da AIDS têm afetado o namoro, o relacionamento afetivo e sexual dos adolescentes? É uma questão que se coloca.

A educação sexual consiste em propiciar experiências que auxiliem o ser humano a viver e expressar o amor através do sexo, com segurança e sem preconceitos, por meio de um processo progressivo de orientação e informação. Torna-se necessário conhecer a sexualidade como parte do processo de desenvolvimento da personalidade, que se estende desde a infância até a terceira idade. É, portanto, um processo social e de socialização, uma vez que, tanto em seu desenvolvimento como em seus resultados, ultrapassa os limites do ser físico.

## Educação Sexual

Felizari (1990) alerta que:

“A dicotomia entre a prática e a teoria da educação sexual, revestida em crenças, valores e ideologias, deixa o jovem indeciso e ansioso quanto à compreensão e ao exercício da sexualidade. A repressão e os tabus sexuais, o falso moralismo, em confronto com valores e comportamentos liberais, parecem contribuir fortemente neste sentido.

Apesar dessa problemática, a educação sexual constitui ainda um tema polêmico por suas implicações culturais, morais e religiosas e pelos questionamentos sociais e políticos que acarreta.”

A necessidade desta educação, no entanto, constitui um aspecto onipresente para os jovens. Isto porque, no seu cotidiano, defrontam-se com as mais variadas questões.

Relembrando Mattos (1980):

“Perante as dúvidas que o adolescente apresenta, respondem por ele os companheiros mais despreparados, os livros mal informados, as revistas, os espetáculos, toda uma indústria que vive de explorar a curiosidade sexual.”

Felizari (1990) a este respeito acrescenta:

“Não se pode desconsiderar, de outra parte, as dificuldades de implantação da educação sexual nas escolas, pela influência dos setores mais conservadores da sociedade. Note-se que até mesmo educadores desconhecem as diversas formas de educação sexual e têm uma visão parcial e às vezes deturpada do seu significado.

Cabe acrescentar a reduzida importância que instituições escolares atribuem à educação sexual, produzindo uma defasagem entre necessidade educacional versus prática pedagógica. Casos há em que estabelecimentos de ensino negam-se a discutir esta temática, ou, quando o fazem, tratam-na de maneira distorcida, tendenciosa e até mesmo repressora.”

Entretanto, apesar desta pressão dos setores mais conservadores da sociedade, devido à importância da educação sexual na escola, devemos considerar isto como um desafio que se coloca para envidarmos todos os esforços no sentido de implementá-la da melhor maneira e o mais rápido possível, pois os riscos a que os jovens estão submetidos e as qualidades moral e produtiva da próxima geração vai depender muito do que venhamos a fazer hoje para prepará-los adequadamente.

Cada jovem, com sua sexualidade mal resolvida hoje, será certamente um indivíduo na nossa sociedade menos produtivo, ou não tão produtivo como os demais, mas menos criativo, ou menos socializado, ou com menor equilíbrio emocional. Se pretendemos formar indivíduos que sintam e pensem e resolvam problemas precisamos agir já e não ser coniventes com os sistemas de dominação social, deixando de dar oportunidades aos jovens de conhecerem diferentes caminhos para eles optarem com responsabilidade.

Suplicy (1988) vai mais adiante a esse respeito:

“Não basta apresentar os diferentes aspectos da sexualidade, o biológico, o psíquico, o emocional, o social, numa visão autoritária; é preciso se discutir bastante com os jovens para eles conhecerem as interrelações entre estes aspectos e possam optar conscientemente e com responsabilidade pelas conseqüências de seus atos.”

Felizari (1990) complementa:

“Este círculo vicioso da necessidade educacional versus programas distorcidos da realidade parece refletir o medo, a insegurança e o despreparo que os educadores sentem ao tratar o assunto. Dessa maneira, a educação sexual nas escolas tende a ser abordada com superficialidade, mesclada de falsos pudores, tabus e preconceitos.”

## Papel da Sexualidade na Adolescência

Há consenso entre os especialistas de que o adolescente é um indivíduo que se encontra em fase peculiar de transição biopsicossocial.

Essa fase é marcada por fortes transformações biológicas e pela mobilização individual no sentido da definição de seu papel social.

A adolescência é, portanto, um processo de mudanças no que se refere a desejos, aspirações, estado de ânimo e valores.

Neste processo, pode emergir nova concepção do mundo interior e do mundo exterior, novo enfoque dos conceitos éticos, religiosos e sociais e reavaliação do passado e das experiências em relação ao futuro.

É por isso um período de vida crítico e, em alguns casos, com alterações da personalidade, comportamento e ajustamento ao mundo.

A fixação dos limites da adolescência, em termos cronológicos, oferece dificuldades, pois as modificações biopsicossociais nem sempre surgem ao mesmo tempo.

Biologicamente, diz-se que a adolescência finda quando o crescimento estatural fica zerado, o que é variável para cada sexo e para cada pessoa.

Felizari (1990) afirma que:

“Sociologicamente, essa fase termina quando o grupo social atribui ao indivíduo o status, o papel e a função de adulto. Psicologicamente, o indivíduo deixa de ser adolescente quando passa a assumir responsabilidades e atitudes próprias da vida adulta.

A idade cronológica do início e do término da adolescência também sofre variações conforme o meio ambiente em que o jovem vive. Nas

sociedades mais desenvolvidas, onde a tecnologia é avançada e o ritmo de vida mais rápido, a adolescência costuma prolongar-se até os 24 ou 25 anos.

Por outro lado, quanto maior o poder aquisitivo familiar, mais dependente será o jovem e, em consequência, sua adolescência tenderá a expandir-se.

Para alguns indivíduos, essa fase passará muito rapidamente como em casos em que por motivo sócio-econômico o jovem é forçado a assumir responsabilidades peculiares da vida adulta, o que certamente encurtará o período de sua adolescência.”

Em face do exposto, cabe reiterar que a conceituação e fixação de limites da adolescência são, sem dúvida, problemas de extrema complexidade.

Parece então prudente aceitar a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1985) que padroniza o intervalo entre 10 e 20 anos como limites da adolescência.

Todavia, é importante se refletir sobre as indicações do Comitê sobre Adolescência da Academia Norte-Americana de Pediatria (ABEPP, 1989) a respeito das seguintes características psicossociais como limites terminais da adolescência:

- a) separação e independência dos pais
- b) estabelecimento de identidade sexual
- c) inserção no mercado de trabalho
- d) desenvolvimento de um sistema pessoal de valores morais
- e) capacidade de estabelecimento de relações duradouras
- f) regresso aos pais, em nova relação, baseada numa igualdade relativa

Segundo Felizari (1990):

“O crescimento geral acelerado e os ritmos de crescimento diferencial, as complexas mudanças glandulares, o amadurecimento dos órgãos e funções reprodutoras e o desenvolvimento das características sexuais secundárias, fazem da adolescência um período de acentuada mudança física.”

De acordo com Rees (1979):

“As mudanças fisiológicas na puberdade resultam em reforço das pulsões heterossexuais e no empenho pelo alcance da independência e da assunção de responsabilidades pessoais. De forma paralela, o estímulo das pulsões sexuais tende a aumentar o interesse pelo sexo oposto.”

De acordo com Felizari (1990):

“É através do corpo que o jovem pode melhor se aperceber e externalizar as alterações que vive. Primeiramente, ele se volta para si e para o próprio corpo, sendo a masturbação uma das principais formas de dar vazão a esse sentimento.

Aos poucos, ele vai definindo sua identidade pessoal, ao mesmo tempo em que se descobre novas emoções e sensações que a sexualidade oferece.

Sentimentos, atitudes e crenças sexuais são vivenciadas de maneira única, pois decorrem de perspectiva própria, cuja raiz se estabelece, tanto a partir de sensações e percepções pessoais como de fontes sociais.

O amadurecimento e o crescimento nos diferentes níveis da sexualidade é um processo gradual, em que o adolescente, amadurecido em seus relacionamentos de admiração, de gosto e de prazer, e em sua dimensão física, passa a ser fonte de bem para o outro, tornando-se mais susceptível aos estímulos internos e à compreensão do mundo que o rodeia.”

## **Aspectos Fundamentais da Educação Sexual**

Segundo Nérici (1971):

“Educação é um processo que visa a capacitar o indivíduo a agir conscientemente diante de situações novas da vida, com aproveitamento da experiência anterior, globalizando a integração, a continuidade e o progresso social, segundo a realidade de cada um, para serem atendidas as necessidades individuais e coletivas.”

De acordo com Freitag (1984), “a educação consiste em dar ao indivíduo os subsídios necessários para que a reorganização das experiências vividas ocorra em linhas mais ou menos ordenadas e sistematizadas.”

Em relação à Educação Sexual, Felizari (1990) estabelece que:

“Esta consiste em proporcionar experiências que auxiliem o ser humano a viver e expressar o amor através do sexo, com a aceitação do papel sexual correspondente.

A Educação Sexual significa muito mais do que a instrução a respeito dos fenômenos da reprodução, vistos como princípios biológicos ou fisiológicos.

Significa, na verdade, um processo progressivo de orientação e de exemplo, assim como de informação.

Torna-se necessário conhecer a sexualidade como parte do processo social e de socialização, uma vez que, tanto em seu desenvolvimento como em seus resultados, ultrapassa os limites da pessoa física.”

Matarazzo (1986) afirma que a Educação Sexual deve “preparar a pessoa para viver a sexualidade de forma consciente e responsável.”

O exercício saudável da sexualidade, por sua vez, requer que experiências sexuais sejam vividas em sua plenitude.

De acordo com a Organização Mundial para a Saúde (Tiba, 1987), para o exercício saudável da sexualidade é indispensável ao indivíduo:

“a) possuir capacidade de desfrutar e controlar o comportamento sexual e reprodutivo, conforme a ética pessoal e social;

b) estar isento de medo, vergonha, culpa, tabus e outros fatores psicológicos que inibem a resposta sexual ou que prejudicam as suas relações de sexo;

c) estar livre de distúrbios orgânicos, doenças e deficiências que interfiram nas funções sexual e reprodutoras.”

Para levar a bom termo esse objetivo, é fundamental que a educação sexual seja planejada. As atividades de planejamento são dirigidas para a elaboração de programas, sua implementação e avaliação.

O processo de planejamento deve ser moldado em cinco etapas, assim delineadas por Scotney (1981):



- a) reconhecimento do problema
- b) análise ou diagnóstico do problema
- c) tratamento educativo
- d) acompanhamento e análise dos resultados
- e) avaliação.

Para Felizari (1990) antes de se estabelecer um programa de educação sexual, é preciso que se tenha claro:

- a) os objetivos para que se pretende trabalhar
- b) identificação de interesses
- c) reconhecimento do nível cognitivo do grupo
- d) diagnóstico de suas características gerais
- e) diagnóstico das estruturas as quais se ancora o programa

Na opinião de Rodrigues (1983):

“A maior eficácia da ação coordenadora de atividades planejadas para a consecução de objetivos é resultante da ação cooperativa e dinâmica, ação essa voltada para definição de objetivos, identificação temática das estratégias e dos recursos de apoio à ação educativa.”

Felizari (1990) enfatiza que “a definição de objetivos constitui um elemento fundamental para a definição, tanto do conteúdo educativo como dos meios auxiliares que facilitem a aprendizagem.”

Ao se determinar um objetivo deve-se observar os seguintes fatores:

- a) maturidade
- b) aprendizagem atual dos educandos
- c) motivação
- d) recursos disponíveis
- e) situação de ensino
- f) competência para ensinar

De uma maneira geral, pode-se dizer que, do ponto de vista cognitivo, um programa de saúde em Educação Sexual visa melhorar o nível de informação dos educandos e, conseqüentemente, o seu nível de saúde.

Entretanto, é preciso ultrapassar a esfera do cognitivo: os resultados esperados voltam-se para o conhecimento, atitudes e comportamentos.

A relação entre estas três dimensões individuais podem ser explicadas da seguinte forma: as atitudes tendem a motivar para um comportamento desejável, porém o conhecimento é a base racional para o comportamento.

Assim sendo, indivíduos com maior conhecimento, maior compreensão da sexualidade, poderão desenvolver atitudes mais positivas com melhor possibilidade de um comportamento equilibrado.

Tendo presentes estes aspectos, cabe também lembrar que a definição clara dos objetivos facilita o diálogo e evita desentendimentos posteriores, bem como serve de baliza ao próprio educador quando tiver de tomar decisões importantes ao avaliar seu trabalho.

### **Possibilidades de Atividades de Educação Sexual**

Dentre as atividades de Educação Sexual, uma que têm revelado maior eficiência são aquelas preconizadas por Scotney (1981): “a observação, a comunicação e a entrevista são fundamentais na educação para a saúde e acredita-se que, na educação sexual, possam oferecer importante contribuição.”

Segundo Nérici (1971):

“O método de ensino socializado, sem descuidar da individualização, dirige-se principalmente para desenvolver a integração social, o

desenvolvimento da aptidão de trabalho em grupo e do sentimento comunitário, bem como o cultivo da atitude de respeito às outras pessoas.

O ensino socializado realiza-se, principalmente, por grupos ou outras formas que congreguem os alunos em torno de objetivos comuns.”

Este ponto de vista parece se fundamentar nas posições de Carvalho (1979), para quem o método referido promove a socialização do educando ao mesmo tempo em que procura contribuir para que estruture atitudes de bom convívio social.

Para essa autora, o método socializado pode oferecer outras contribuições, como as seguintes:

- a) ensina o aluno a trabalhar em equipe, combatendo o excesso de individualismo;
- b) enriquece a sua experiência, porque o põe em contato com diferentes pontos de vista;
- c) têm grande poder motivador, visto dar margem à auto-realização dentro do grupo e solicitar a participação ativa.

Este método, todavia, mantém estreita relação com os demais métodos de trabalho em grupo. A esse respeito, parece conveniente considerar o ponto de vista de Kilander (1983) quando afirma que:

“O trabalho em grupo é o método básico da socialização democrática e a estrutura na qual o indivíduo pode se aperfeiçoar como membro participante de uma classe, de um grupo ou de uma sociedade.

O uso de discussão em grupo leva à tomada de decisões e à aceitação de novas idéias, que têm a sanção do grupo que as apoiou.”

Felizari (1990) lembra que “o trabalho em grupo apresenta múltiplas possibilidades.”

No cotidiano das escolas, tem-se empregado com maior frequência as seguintes:

- a) discussão em grupo
- b) pesquisa bibliográfica
- c) dramatização

Segundo Kilander (1983):

“As discussões em grupo oferecem ao aluno a possibilidade de participar oralmente da resolução de um problema.

Este método permite o esclarecimento de determinados aspectos de uma questão e estimula a reflexão e a expressão das próprias idéias.”

A dramatização, na forma como a define Kilander (1983) é:

*“Uma ação espontânea, improvisada, não ensaiada, apresentada por alguns alunos diante do grupo.*

Isso oportuniza aos educandos meios de compreender melhor seu papel e os dos outros.

Oferece ainda oportunidade de escolher novas formas de comportamento numa esfera de compreensão, onde os erros podem ser cometidos, sem resultar em penalidade como nas situações da vida real.”

Felizari (1990) lembra que:

“Outra alternativa para o trabalho com Educação Sexual está no encontro da **melhor solução de um problema**, analisando várias alternativas e escolhendo a mais adequada.

O uso desse método pode estimular:

- a) o desenvolvimento de um sistema de valores;
- b) aumentar o entendimento;
- c) aumentar a capacidade de julgamento;
- d) aumentar a capacidade de tomada de decisões.

Ao mesmo tempo promove a discussão em grupo e oferece oportunidade para a prática da conduta democrática.

Na direção oposta, encontra-se aquela situação pedagógica em que, ao invés da solução, o aluno formula os problemas. Enquadram-se neste caso as

conhecidas caixas de perguntas ou envelope secreto, cuja vantagem principal parece residir na possibilidade de anonimato de quem apresenta a pergunta.

No que diz respeito à Educação Sexual, essa estratégia facilitaria a que os alunos mais tímidos colocassem livremente suas questões.

A demonstração é outro procedimento didático, cujos objetivos principais podem ser assim resumidos:

- a) confirmar explicações orais ou escritas
- b) ilustrar o que tenha sido exposto teoricamente e
- c) convencer quanto à veracidade de proposições abstratas.

Entre as várias possibilidades de ação educativa / informativa pela demonstração, pode-se incluir a projeção.”

Em relação à projeção, Nérici (1988) lembra:

“As projeções trazem a realidade distante ou de difícil apreensão para dentro da sala de aula, de forma interessante e sugestiva.

Outra vantagem desse recurso de apoio ao ensino decorre de que ele pode contribuir para a concentração dos alunos e economiza tempo, além de servir de ponto de partida e motivação para outras atividades.”

Felizari (1990) lembra que:

“Outra estratégia de ensino / aprendizagem aplicável em Educação Sexual é a palestra ou a aula expositiva. Uma das formas mais antigas de ensino, vale-se da linguagem verbal para transmitir informações, criar interesses, influenciar opiniões, estimular a reflexão e promover o pensamento crítico. Mas, obviamente, sua eficiência depende muito de como ela é apresentada.

A palestra pode ou não ser seguida de perguntas ou ser suplementada pelo uso de um filme, ou de algum outro recurso audiovisual.

A limitação principal desta técnica, particularmente em Educação Sexual, decorre de que costuma sobrar pouco tempo para perguntas, discussões ou troca de opiniões e nenhuma para trabalho individual com os alunos.”

Em relação à palestra, quando ministrada, deve ser preferencialmente seguida por uma abertura para os escolares fazerem suas perguntas.

Kilander (1983) afirma que:

“Alguns problemas e dúvidas dos alunos, por razões variadas, não podem ser tratados durante o período regular da aula. Em tal situação, é necessário criar condições para conversas individuais e até para aconselhamento.

Esse método possui algumas vantagens, no aconselhamento individual, a pessoa tem oportunidade de expor seus problemas, seus temores, suas dúvidas e, ao expressá-los, percebe-os mais claramente e, se sente meio capaz de tomar suas próprias decisões.

Como método para emprego exclusivo, o aconselhamento individual tem algumas limitações. Uma delas é que um pequeno número de alunos pode ser atendido, além de que não necessariamente os professores sempre percebiam bem quais os alunos que mais necessitam de aconselhamento.

Outra limitação decorre de que o trabalho individual requer particular empatia, e, às vezes, fica difícil ao educador estabelecer afinidade que permita condições que crie situações favoráveis aos diálogos.”

Quanto implementação das atividades, deve-se atentar para que sejam estruturadas a partir de seus objetivos e da definição prévia de pessoal, função, exeqüidade funcional e eficácia de intervenção (Felizari, 1990).

Também não se deve esquecer a sabedoria de Lorenz (1988, 1991) quando afirma que

“precisamos ter mais calor humano em nossas relações sociais, sem o que o adolescente não vai perceber, pelo nosso exemplo que, em qualquer atividade, o verdadeiro amor (altruísmo, bondade, gentileza etc.) deve ser sempre nossa arma.”

# METODOLOGIA

## **1. Delineamento da Pesquisa:**

O tipo de pesquisa do presente trabalho é de campo, cujo projeto é de levantamento de dados.

## **2. Descrição da População e Amostra:**

### a) Local:

Ilha do Governador.

### b) População:

Alunos da 6ª a 8ª série da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes. Os escolares entrevistados tinham idade entre 14 e 17 anos.

### c) Amostra por cotas:

Foram entrevistados um total de 40 alunos, sendo 16 meninos e 24 meninas.

## **3. Método e Técnica Empregados:**

Utilizou-se o método indutivo e a técnica de entrevista

#### **4. Descrição dos Instrumentos:**

Aplicou-se o questionário em anexo.

#### **5. Descrição da Coleta de Dados:**

Os questionários foram entregues para os alunos, os quais devolveram respondidos. Foi informado aos alunos que era permitido acrescentarem às respostas dos questionários alguma informação adicional, informando-lhe que sua identidade iria ser preservada, a fim de que ele não ficasse inibido em informar o que ele quisesse declarar.

Para cada entrevistado foi informado que os dados seriam utilizados como pesquisa e que as respostas deveriam ser as mais fiéis possíveis. Entretanto, admite-se que alguns alunos possam não ter sido fiéis, respondendo o que eles acreditavam e / ou faziam. Esta margem de erro é de se esperar em qualquer questionário.

As respostas dos alunos deram aos questionários foi feita de modo totalmente livre, ou seja, o entrevistador não ficou ao lado dele e muito menos perto, para que ele pudesse responder o mais fiel possível. Também eles não precisaram colocar o próprio nome, para ficar claro que, mesmo quanto à identidade, ela estava sendo preservada.



## RESULTADOS

Os resultados das respostas dos questionários foram tabulados e são os seguintes:

### Pesquisa sobre Educação Sexual em Adolescentes

1. A partir dos 11 anos você recebeu informações e orientações sobre sexo? De quem?

	meninos	meninas
pai	18,75 %	4,16 %
mãe	31,25 %	45,83 %
educadores *	118,75%	4,16 %
professores	31,25 %	41,66 %
outros	31,25 %	16,66 %

\* Educadores - foi informado ao entrevistado que educador é aquele agente responsável pela educação do adolescente diferente do pai, mãe e professor. Geralmente educador foi, nesta pergunta, citado pelo entrevistado como sendo o (a) tio (a), avô (ó) ou algum tipo de tutor (a).

2. Você tem informações amplas sobre os aparelhos reprodutores masculino e feminino?

	meninos	meninas
sim	75,0 %	83,73 %
não	25,0 %	16,6 %

3. Você recebeu alguma informação sobre o que é o ato sexual?

	meninos	meninas
sim	81,25 %	79,17 %
não	18,75 %	20,83 %

4. Com quem você tira suas dúvidas com relação à educação sexual?

	meninos	meninas
pai	18,75 %	0 %
mãe	25,0 %	45,83 %
professores	31,25 %	45,83 %
revista pornográfica	25,0 %	8,33 %

Observação: Um aluno assinalou mais de uma resposta e outro não assinalou nenhuma resposta. Uma aluna anotou que não tira dúvidas com ninguém. A maioria recorre à mãe, aos professores para tirar dúvidas.

5. Você foi informado sobre alguma doença que se transmite pelo ato sexual?

	meninos	meninas
sim	87,5 %	95,83 %
não	12,5 %	4,17 %

6. Você já sentiu alguma atração física por alguma pessoa de seu sexo?

	meninos	meninas
sim	31,25 %	45,83 %
não	68,75 %	54,17 %

7. Você conhece algum tipo de doença adquirida pelo contato sexual?

	meninos	meninas
sim	87,5 %	83,33 %
não	15,5 %	16,67 %

8. O intercuro vagina e pênis é o único percurso normal para a mulher engravidar?

	meninos	meninas
sim	75,0 %	83,73 %
não	25,0 %	16,6 %

9. De quem você acha que é responsabilidade pela gravidez?

	meninos	meninas
do homem	0 %	0 %
da mulher	6,25%	0 %
ambos	93,75 %	100%

10. Você leva camisinha ou camisinha de vênus no bolso?

	meninos	meninas
sim	18,75 %	0 %
não	43,75 %	95,83 %
às vezes	37,5 %	4,17 %

Observação: A maioria dos alunos não usam preservativos, principalmente as meninas.

11. Como você justifica a gravidez na adolescência?

	meninos	meninas
descuido	25 %	70,83 %
falta de informação	68,75 %	20,83 %
ambos	6,25 %	8,34 %

12. As garotas que você conhece já ficaram grávidas?

	meninos	meninas
sim	18,75 %	33,33 %

não	43,75 %	33,33 %
poucas	37,5%	33,34 %

Além dos dados tabulados, os alunos entrevistados afirmaram acreditar nos seguintes tabus sexuais;

a) em relação à menstruação:

- lavar a cabeça
- pisar no chão frio
- tomar banho de imersão
- fazer ginástica

b) quando menstruada:

- a mulher se cansa facilmente e perde muito sangue
- não pode masturbar-se

c) em relação à masturbação dos rapazes:

- provoca espinhas
- desenvolve o pênis
- diminui a potência sexual
- desencadeia a ejaculação precoce
- acelera o aparecimento de pelos
- prejudica o cérebro
- dá fraqueza e olheiras

c) em relação à masturbação em garotas:

- é pecado
- pode desvirginar

d) quanto à relação sexual:

- quanto maior o pênis, maior a satisfação da mulher

- quanto mais másculo é o homem, melhor o desempenho sexual

- se lavar bem após a relação sexual, com vinagre ou coca-cola, não fica grávida

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados das entrevistas revelam que, de um modo geral, do pai os meninos recebem mais informações que as meninas, enquanto que da mãe decorre o contrário. Entretanto, os meninos recebem bem mais informações do sexo oposto, ou seja, da mãe, que as meninas do pai. Isto talvez possa ser interpretado como um machismo de nossa sociedade que atribui maior importância do conhecimento sexual ao rapaz do que para a moça.

É notória a contradição do adolescente que afirma, na grande maioria, ter amplos conhecimentos sobre o assunto e acreditar em tabus. É possível que ele acredite que os tabus são conhecimentos legítimos e, neste sentido, ele está coerente consigo mesmo, embora não com o que se aceita hoje para o que é um tabu.

É interessante notar que a maioria dos adolescentes responderam que a responsabilidade da gravidez é dos dois e quase todas as meninas não carregam, geralmente, camisinhas no bolso, talvez por acharem que isto é de responsabilidade do rapaz ou por não acharem que isto seja tão importante. Mas, mesmo entre os meninos, só cerca de 1 em 5 meninos levam camisinha de vênus no bolso de modo freqüente.

Um número significativo de rapazes e moças, em torno de 20 %, revelaram não terem recebido nenhuma informação sobre o ato sexual. Essa percentagem média é aproximadamente a mesma de desconhecimento sobre os aparelhos reprodutores masculinos e femininos entre meninos e meninas. Todavia, como o índice de gravidez em adolescentes é alto, ou eles afirmam conhecerem e de fato não conhecem tanto quanto pensam, ou eles conhecem o funcionamento dos

aparelhos masculinos e femininos, mas não detalhes de como se engravida, eficiência de métodos anticoncepcionais e outros aspectos igualmente relevantes sobre a sexualidade deles.

Mães, professores e revistas pornográficas foram as principais fontes citadas de informação, orientação e educação sexual. Como os adolescentes informaram acreditar em vários tabus sexuais, fica a questão: de quem eles receberam informações sobre estes tabus?

A maioria dos adolescentes revelou que a justificativa para a ocorrência da gravidez na adolescência se deveu à falta de informação, vindo em segundo lugar o fator descuido.

A questão de tabus e a da gravidez na adolescência evidencia que as informações, orientações e educação sexual que o adolescente está tendo não está sendo suficiente para ele estar bem informado, fazendo-se necessário uma melhor estratégia de educação sexual ministrada por pais, professores e demais educadores.

Esta necessidade fica ainda mais alarmante quando se constata que, em média, um em três meninos ou meninas tem mostrado acreditar que se pode engravidar de outras maneiras diferentes da forma pênis-vagina. É quando se verifica que um número de meninos e meninas afirma conhecer algum caso de gravidez dentre adolescentes.

A existência de vários tabus constatada na presente pesquisa revela o desconhecimento sobre o assunto “sexo”.

Felizari (1990) também afirma que é freqüente se encontrar vários tabus sobre masturbação.

Costa (1986) afirma que “um problema enfrentado pelo adolescente do sexo masculino é a impressão de ser o único a se masturbar e, por isso, de estar sozinho no mundo”.



Todavia, pesquisas diversas têm revelado que, mesmo entre adultos do sexo masculino, não é difícil encontrar em diferentes sociedades índices tão altos quanto 30 % ou mais que se masturbam.

Quando se fala de masturbação e iniciação sexual do rapaz, outro aspecto relacionado é a questão da virgindade.

Costa (1986) coloca estas amarrações da seguinte maneira:

“A imposição da virgindade tem profundas relações na sociedade burguesa; esta sempre se preocupou com a iniciação sexual do rapaz como atestado de sua auto-afirmação e masculinidade, além de tentar eliminar temores conscientes e inconscientes sobre uma possível homossexualidade.”

Felizari (1990) coloca que, em contrapartida:

“Nessa mesma sociedade, a moça é induzida pela moral a conservar-se virgem até o casamento. Embora a chamada revolução dos costumes tenda a alterar essas concepções, os resultados do estudo poderiam estar indicando certa tendência ao conservadorismo. Outra forma possível de compreender a elevada frequência de expectativa dos alunos no que concerne ao tema virgindade parece vinculada à própria curiosidade sexual do adolescente. Essa característica parece explicitar-se mais claramente através das dúvidas e questionamentos que formulam no sentido de entender o que ocorre no seu organismo, as mudanças físicas, os significados e a importância dessas descobertas, relacionando-as ao seu próprio corpo e ao de sua companheira.”

Na presente pesquisa, cerca de 30 % revelaram já ter tido alguma atração homossexual, percentagem que sobe para 45 % entre as meninas.

Quando Felizari (1990) apresenta alguns relatos sucintos de alunos e professores que são representativos do grupo por ela estudado quanto aos temas de educação sexual a serem discutidos num futuro programa de Educação Sexual:

“Nunca tivemos nada sobre isso...” (aluna da escola B)

“Estamos terminando o 1º grau e nunca tivemos nada sobre isso...” (aluno da escola B)

“Tudo o que sei aprendi na rua e nas revistas - quero aprender mais.”  
(aluno da escola A)

“Nossos alunos precisam de mais informações sobre educação sexual.”  
(professora da escola B)

“Eu gostaria de falar *sobre isso* com meus alunos, mas *tenho vergonha*, não sei como abordar.” (professora da escola B)

“Esse assunto é o último que dou para meus alunos; deixo sempre para a última aula do ano, pois só assim eles não terão tempo para fazer perguntas.”  
(professora da escola A)

“A senhora vai dar aula de sexo? Posso assisti-la. Preciso aprender sobre AIDS...” (professor da escola A)

“Nossos alunos precisam desses conteúdos; eles andam fazendo cada coisa...” ( professor da escola A)

“Esse assunto *dá pano prá manga*, pois na nossa sociedade ainda há muita repressão sexual.” (professora da escola A)

“O ideal seria que a senhora estendesse essas aulas aos demais alunos da escola.” ( professor da escola A)

“Nossos alunos precisam de mais informações sobre esse tema.” (professor da escola B).

“Nos dias atuais abordar esse assunto é *perigoso*, pode complicar para a escola, então há a necessidade de um respaldo maior.” (diretora da escola A)

“Tenho medo que, com esse assunto (masturbação), minha filha queira experimentar.” (mãe de aluna)

“Não seria possível a senhora fazer palestra também para nós, pais?” (mãe de aluno)

“Lá em casa, o ambiente não anda fácil, meus filhos me retrucam e me chamam de quadrada; quem sabe com essas aulas isso venha a melhorar...” (mãe de aluna)

“Eu sou Testemunha de Jeová e meus filhos já sabem tudo sobre sexo, somente eu ensino e não quero que ninguém mais interfira...”

Felizari (1990) testou um Programa de Educação Sexual aplicado à Escola de 1º grau com 90 % de eficiência de aprendizagem e dentro de um enfoque multidisciplinar, abrangendo áreas biopsicossocial. Ela sugere que programas similares sejam adotados obrigatoriamente no ensino de 1º grau e seja baseado nos resultados do diagnóstico das necessidades dos educandos.

Entretanto, nem todos concordam que a educação sexual seja ministrada na escola.

Alguns indicam ser este o melhor local, considerando que poucas famílias têm condições de levar a cabo tal educação.

Mas outros não acham que a escola deve ministrar este tipo de educação. Nérici (1977) afirma a este respeito que “é uma autêntica promiscuidade educacional.”

Isto é razoável de se entender, pois muitos pais não têm sua sexualidade resolvida, fruto de décadas de repressão sexual. Outros têm uma série de dúvidas sobre como abordar o adolescente, se está fazendo da melhor maneira ou não. Por sua vez, muitos professores, também frutos de alta repressão social, profissional e educacional a que foram e / ou são expostos também não têm sua sexualidade bem resolvida e ficam com receio de ministrar aulas sobre tema tão complexo, *principalmente em sendo professoras* com receios adicionais de se verem com

pergunta que, para elas, podem ser melindrosas, fruto de uma moralidade provinciana na qual muitas vezes ela foi educada.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho constatou que adolescentes de ambos os sexos da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, apesar de declararem estar bem informados sobre sexualidade, revelam pelas suas próprias respostas e atitudes desconhecerem vários aspectos relevantes sobre a sexualidade humana. Eles evidenciaram ter informações fragmentadas e superficiais a respeito de vários tópicos relativos ao sexo, inclusive um número significativo deles desconhecia aspectos elementares a respeito.

O comportamento em sala de aula, quando se toca no assunto, revela que a maioria deles tem uma crença arraigada em tabus sexuais e demonstram grande resistência à uma discussão crítica a respeito destes tabus.

Foi feita uma revisão de literatura em busca de soluções para esta situação. Verificamos que a melhor alternativa é se disseminar a Educação Sexual que, apesar de ser criticada por alguns, no ambiente escolar, sem desmerecer o familiar, é bastante propício para realização de Programas de Educação Sexual.

O presente trabalho revisa vários métodos e técnicas de Educação Sexual e conclui que elas devem ser empregadas amplamente nas escolas, se adequando conforme os objetivos, clientela e demais aspectos relevantes.

A maioria dos professores está ensinando errado, abordando o assunto exclusivamente, ou quase só considerando os aspectos biológicos. Embora os próprios jovens dêem muito valor à parte física, cabe aos educadores que ministram educação sexual não se limitarem somente a este aspecto da

sexualidade, mas abordarem também os aspectos psicológicos, afetivos, sócio-culturais e as interações entre eles.

Conclui-se que os professores em exercício do 1º e 2º graus precisam ser capacitados e / ou atualizados para saberem como melhor trabalhar a Educação Sexual com seus alunos.

Concluimos também que os pais e os demais membros da comunidade devem estar envolvidos nos Programas de Educação Sexual que vierem a ser implementados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, G. S. S. A importância da abordagem histórico-experimental no ensino das disciplinas científicas. In: Ciência e Cultura. 36 (10): 1730-1731, 1984.
- ARIES, P. et alii. Sexualidades ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- AUSUBEL, D. P. et alii. Psicologia educacional. Rio de Janeiro: Interamericana, 1978.
- BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. Educação sexual. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BERNHOF, R. A. Rumo ao conhecimento de si mesmo. In: CAVALLIERE, A. et alii. Hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BRUSCHINI, M. C. A. Os problemas da educação sexual. In: O Estado de São Paulo, 24/8/1980, supl. Cultura. p. 14-16.
- CAMPOS, D. M. S. Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CARVALHO, I. M. O processo didático. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1979.
- CHAUÍ, M. Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COSTA, M. Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento. Editora L. S. P. M. Editores Ltda., 1986.

- CREMA, R. O comportamento sexual dos brasileiros. In: CAVALLIERE, a. et alii. Hábitos e atitudes dos brasileiros. São Paulo: Cultrix, 1983.
- DORIN, L. Enciclopédia de Psicologia Contemporânea. v. 5. Editora Iracema Ltda., 1984.
- DOTTI, S. Psicologia da adolescência: uma psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Sulina, 1973.
- ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Delta, v. 13, 1982.
- FELIZARI, G. M. C. Enfermagem escolar e educação sexual para adolescentes. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- FREITAG, B. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Moraes, 1984.
- GIKOVATE, F. Observações acerca de uma pesquisa sobre o comportamento sexual do brasileiro. In: CAVALLIERE, A. et alii. Hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros. São Paulo: Cultrix, 1983.
- GOES, J. F. C. & OLIVEIRA, O. S. Uma geração liberada, mas desinformada. In: Folha de Londrina, Paraná, 24/7/1987, p. 24.
- GOLDBERG, M, A. M. Educação sexual: uma proposta, um desafio. São Paulo: Cortez, 1984.
- GRUSPÜN, F. & GRUSPÜN, R. Assuntos da família. São Paulo: Kairós, 1984.
- HIRSCHEFELD, M. Enciclopédia ilustrada de vida sexual. Rio de Janeiro: Spiker, s.d.
- KILANDER, H. F. Educação sexual nas escolas: preparar a vida familiar. São Paulo: Paulinas, 1983.
- KLEIN, M. & RIVIERI, J. Amor, ódio e reparação. São Paulo: Imago, 1975.



- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Santos: Martins Fontes, 1970.
- LAWOR, R. Honrando a Terra: a nova sexualidade masculina. São Paulo: Educação. Interação, 1991.
- LIMA, L. P. Prática de Psicologia Moderna. 3. ed, São Paulo: Honor Editorial, v. 1, 1971.
- LORENZ, K. A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. Os oito pecados mortais do homem civilizado. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MARCONDES, E. Pediatria básica. São Paulo: Sarvier, 1985.
- MASTERS, W. H. et alii. O relacionamento amoroso: segredos do amor e da intimidade sexual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- MATARAZZO, M. H. Iniciando um programa de Educação Sexual nas escolas de primeiro e segundo graus. Anais do IV Encontro Nacional de Sexologia. Curitiba, p. 3, 1986.
- MATTOS, E. Infância e adolescência: uma abordagem médico-social. Rio de Janeiro: Atheneu, 1980.
- MORAES, C. & ALMEIDA, G. Vida de casada. Educação Papirus, 1985.
- MOSQUERA, J. J. M. O professor como pessoa. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- MOURA, M. J. B. Experiência como professora e trabalho com adolescentes com 30 anos como profissional. mimeo, 1992.
- NÉRICI, I. G. Adolescência: o drama de uma idade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

- \_\_\_\_\_. Introdução à didática geral. São Paulo: Fundo de Cultura, 1971.
- \_\_\_\_\_. Metodologia do ensino. Educação Atlas, 1977.
- OMS, Organização Mundial de Saúde. El embarazo y el aborto en la adolescencia. Informe de una reunión de la OMS, 1985.
- \_\_\_\_\_. Enfermaria de salud pública. Cuarto informe del comité de expertos en enfermaria. Ginebra. Organiz. Mund. Salud Serv. Inf. Técn., 1985b.
- \_\_\_\_\_. Guia para la revisión de los planos de estudios básicos de enfermaria orientada hacia la atención primária y la salud de la comunidade. Ginebra. Organização. Mund. de la Salud, 1985c.
- ORTH, E. Educação sexual da criança. Petrópolis: Vozes, 1986.
- PARISI, M. Trabalho dirigido de Psicologia. São Paulo: Ed. Saraiva, 1976.
- PERNETTA, C. Amor e liberdade na educação da criança. São Paulo: Ed. Byr-Prociencx, 1983.
- PILETTI, N. Psicologia educacional. São Paulo: Ática, 1986.
- RESS, L. W. L. Compêndio de Psiquiatria. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- REICH, W. A revolução sexual. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- RODRIGUES, M. A. Enfermeira na saúde escolar. In: Revista paulista de enfermagem. 3 (2): 50-53, 1983.
- SALLES, J. M. Os pais dos adolescentes. In: VITIELLO et alii. Adolescência hoje. São Paulo: Roca, 1988, p. 30.
- SCHELSCK, F. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- SCHRAML, W. J. Introdução à moderna psicologia do desenvolvimento para educadores. São Paulo: EPU, 1977.

- SCOTNEY, N. Educação para a saúde: manual para o pessoal de saúde da zona rural. São Paulo: Paulinas, 1981.
- SUPLICY, M. Sexo para adolescentes. Ed. FTD, 1988.
- \_\_\_\_\_. Conversando sobre sexo. Petrópolis: Vozes, 1991. 407 p.
- TAKIUTI, A. A adolescente está ligeiramente grávida: gravidez na adolescência. São Paulo: Iglu, s.d. (Col. A sociedade precisa saber)
- TIBA, J. Sexo e adolescência. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- TURRA, C. M. G. et alii. Planejamento de ensino e avaliação. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica: EMMA, 1975.
- VASCONCELOS, N. Amor e sexualidade na adolescência. São Paulo: Ed. Moderna, 1985. 62 p.
- VITELLO, N. Sexualidade na adolescência. In: Sexologia II. São Paulo: Roca, 1986.
- WEISMAN, B. A. & WEISMAN, M. H. O que falar de sexo com as crianças. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 106 p.
- WEREBE, M. J. G. A educação sexual na escola. São Paulo: Moraes, 1977.

## ANEXO

### Pesquisa sobre Educação Sexual em Adolescentes

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

#### Questões:

1. A partir de 11 anos você recebeu informações e orientações sobre sexo? De quem?

- pai
- mãe
- educadores
- professores
- outros

2. Você tem informações amplas sobre os aparelhos reprodutores masculino e feminino?

- sim
- não

3. Você recebeu alguma informação sobre o que é o ato sexual?

- sim
- não

4. Com quem você tira suas dúvidas em relação à educação sexual?

- pai
- mãe
- professores
- revista pornográfica

5. Você foi informado sobre alguma doença que se transmite pelo ato sexual?

- sim
- não

6. Você já sentiu atração física por alguma pessoa do seu sexo?

- sim
- não

7. Você conhece algum tipo de doença adquirida pelo contato sexual?

- sim
- não

8. O intercuro vagina e pênis é o único percurso normal para a mulher engravidar?

- sim
- não

9. De quem você acha que é a responsabilidade da gravidez?

- do homem
- da mulher
- de ambos

10. Você leva camisinha ou camisinha de vênus no bolso?

sim

não

às vezes

11. Como você justifica a ocorrência da gravidez na adolescência?

descuido

falta de informação

ambos

12. As garotas que você conhece já ficaram grávidas?

sim

não

poucas